LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊM!CA
Revista Eletrônica

# TRANSFERÊNCIA: UM ENLAÇAMENTO POSSÍVEL NA PSICOSE?

***MARINA PEREIRA VIEIRA ESPINOZA***
*Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia – IP – UFRJ; Membro do Grupo de Pesquisas CLINP (Clínica Psicanalítica) – UFRJ/CNPq; Bolsista CNPq.*
*eE-mail: marinapvieira@gmail.com*

***NATHALIA SCHIMIDT PEREZ***
*Estudante de Graduação em Psicologia (IP-UFRJ); Membro do Grupo de Pesquisas CLINP (Clínica Psicanalítica)-UFRJ/CNPq; Bolsista de Iniciação Científica (PIBIC-CNPq).*
*e-mail: nathalia_schimidt@hotmail.com*

***VERA LOPES BESSET***
*Doutora em Psicologia (Paris V); Professora da Pós-Graduação em Psicologia-IP-UFRJ; Coordenadora do Grupo de Pesquisas CLINP (Clínica Psicanalítica)-UFRJ/CNPq; Pesquisadora da Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental (AUPPF); Membro do Laboratório Interdisciplinar de Pesquisa e Intervenção Social (LIPIS/PUC-Rio). Psicanalista. Membro da EBP-ECF e da AMP.*
*e-mail: besset@terra.com.br*

**Resumo:** Na psicanálise, a transferência, em sua vertente positiva, a do amor, é via possível para um tratamento analítico. Para Freud, ela toma suas bases na perene insatisfação da vida amorosa dos neuróticos, que os torna disponíveis à instalação da neurose de transferência. Ao mesmo tempo, a carência da aptidão dos psicóticos para a submissão aos fenômenos da transferência faz com que a proposta da psicanálise apresente-se incompatível nesses casos. Lacan, avançando a partir de Freud, formula novos conceitos e propõe um tratamento possível para a psicose, convidando-nos a não recuar diante dela. Ancorada em sua contribuição, atualizada por autores contemporâneos, nossa proposta é refletir sobre dados da experiência clínica com psicóticos. Partimos da suposição de que a transferência pode ser a via de acesso a um novo modo de enlaçamento para esses sujeitos.
**Palavras-chave:** transferência; psicose; enlaçamento

## TRANSFERENCE: A POSSIBLE BOND IN PSYCHOSIS?

**Abstract:** In psychoanalysis, the transference, in its positive way, of love, is a possible development for an analytical treatment. For Freud, it takes its bases in the perennial lack of satisfaction of the loving life of neurotics, which makes them available to the installation of the transference neurosis. At the same time, the lack of aptitude of the psychotics for the submission to the phenomena of transference, makes the proposal of psychoanalysis as incompatible in these cases. Lacan, advancing from Freud, formulates new concepts and considers a possible treatment for psychosis. Based in his contribution, brought up to date by contemporarie authors, our proposal is to reflect on data about the clinical experience with psychotic. We leave of the assumption that transference, can be the way of access to a new way of bond for those subjects.
**Keywords:** transference; psychosis; bond

Universidade do Estado do Rio de Janeiro
laboreuerj@yahoo.com.br
www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊM!CA
Revista Eletrônica

**Introdução**

Ao incluir a transferência no que chama de técnica da psicanálise, Freud publica na década de 1910 uma série de artigos técnicos que abordam o tema. Nesse contexto, considera a transferência, em sua vertente positiva, a do amor, condição indispensável para a construção do dispositivo da análise, via possível para um tratamento. Assinala que a perene insatisfação da vida amorosa dos neuróticos os torna disponíveis à instalação da transferência (FREUD, 1912). Nas psicoses, ao contrário, registra uma falta de aptidão para a submissão aos fenômenos da transferência. Isso porque, em coerência com sua teoria sobre o narcisismo, entende que, frente à frustração decorrente de desilusões ou fracassos nas relações sociais, a libido é retirada dos objetos e depositada no eu, onde encontra um porto seguro. Esse mecanismo transforma o próprio eu em objeto e acaba por dificultar um novo investimento em objetos externos (FREUD, 1924, p. 169). Esse é um dos motivos de contraindicação do tratamento psicanalítico aos psicóticos e de sua insistência quanto à relevância do diagnóstico (FREUD, 1926).

Para Lacan (1955-1956) a contraindicação ao tratamento de psicóticos restringe-se aos casos de psicose não desencadeada, pois uma entrada em análise pode levar a um desencadeamento. Sobre isso, temos: “acontece de recebermos pré-psicóticos em análise, e sabemos em que isso dá – isso dá em psicóticos” (LACAN, 1955-1956, p. 293). Tomar a palavra e fazer uso dela é se posicionar como sujeito que fala frente aquele que ouve. A situação analítica, que é uma forma de tomar a palavra, pode ser o desencadeador de uma psicose quando o sujeito não dispõe do significante que substitui ao desejo da mãe e funciona como ponto de basta, o Nome-do-Pai. Para esse autor, um tratamento é possível desde que o analista mantenha-se na posição de “secretário do alienado”, tome as palavras do sujeito ao pé da letra e abstenha-se de interpretá-las. Quanto à transferência, ao longo de

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊM!CA
Revista Eletrônica

seu ensino é possível vislumbrar algumas de suas especificidades nos tratamentos de psicóticos.

Na experiência analítica com neuróticos, Lacan (1964) indica a instauração de uma suposição de saber inaugurada pelo amor de transferência. No que tange a psicose, adverte para os riscos da erotomania, fenômeno relativo ao amor, mas que não está referido à suposição de saber como o pivô do tratamento. Sendo assim, perguntamo-nos, a partir de dados da clínica, como pode se dar o laço entre o analista e o paciente psicótico a fim de viabilizar um tratamento? Autores contemporâneos sublinham que, a suposição de saber não deve ser convocada, pois o saber já está posto do lado do psicótico, entre eles, Henry (2009, p.132). Dessal (2009), ao caracterizar a experiência analítica como um empreendimento de saber, lembra que não se trata de uma tarefa intelectual: “O saber aí tem um propósito definido: realizar-se como verdade e obter do sujeito uma responsabilidade sobre seu padecimento que lhe permita inventar uma manobra com sua forma de gozar e, desse modo, promover uma redução de sua dor de existir” (p. 62).

**Questões sobre o laço transferencial**

Em seu Seminário III, Lacan (1955-1956) afirma que o desencadeamento da psicose consiste em uma ruptura com a realidade, provocada pelo encontro no real com o que não é possível de ser simbolizado pelo sujeito. Para Felipe, a impossibilidade de lidar com uma contingência, as exigências da família para que ocupasse um lugar na vida profissional, resultou em um desencadeamento de um surto, colocando-o na posição de "doente dos nervos" e eximindo-o da responsabilidade de buscar um emprego. Em seu tratamento, o reconhecimento da impossibilidade de responder à demanda de inserir-se no mercado de trabalho e se tornar produtivo, legitimou sua fala e contribui para a diminuição da angústia. A experiência na condução desse tratamento indica que ‘não saber’ o que seria adequado para Felipe, distintamente de sua família e vizinhos, deslocou o praticante do lugar de um

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊM!CA
Revista Eletrônica

grande Outro ameaçador e favoreceu a continuação do tratamento na direção de uma estabilização. A suposição de saber, que remete a um saber inconsciente e a uma divisão do sujeito, é nociva ao tratamento do psicótico e deve ser afastada. Para tanto, é preciso que o analista se abstenha de responder do lugar de um saber sem falhas sobre aquele que fala. O caso de Paulo, que abordaremos a seguir, é paradigmático quanto a isso.

Paulo é um jovem adulto que chega ao tratamento com o diagnóstico de fobial social. Esse diagnóstico o acalmou, pois ficava muito angustiado sem saber o que tinha. Agora, ele sabe. Essa classificação determinou a medicação que tomava e ofereceu um sentido a um impedimento que muitas vezes se impunha a ele, causando grande sofrimento: a dificuldade nos laços sociais. Paulo atribui sua história de insucessos a sua escassa habilidade para falar com as pessoas, se relacionar. Desde o início, a questão de um laço transferencial possível apresentou-se, já que Paulo não demonstrava muito interesse em falar e faltava com frequência aos atendimentos.

Logo, a transferência adquire uma tonalidade negativa. Paulo questiona o motivo de estar ali: “de que serve falar?”. Mas, apesar de afirmar que o remédio é mais eficaz do que a fala, por ter uma incidência direta no corpo, larga a medicação por conta própria, já a tomava de maneira irregular. Apresenta-se cada vez mais deprimido e decide trancar a matrícula na faculdade que cursava. Feito isso, Paulo tem o que ele mesmo nomeia ‘uma crise’, pontuada por ideias suicidas. Então, é possível construir a hipótese de uma ‘psicose ordinária’ (MILLER, 2009) para esse sujeito sem fenômenos elementares dignos de nota e que, à primeira vista, apresenta-se como um neurótico obsessivo, que sofre de seus pensamentos. Sendo assim, podemos trabalhar na perspectiva de interrogar o que faz enlace com o Outro a partir do que promoveu um desligamento (CASTANET; DE GEORGES, 2009, p. 18). Nesse caso, ser estudante do Curso X da Universidade Y fornece a Paulo uma nominação e lhe confere um lugar. Mas, como fazer para promover a ‘ligação’ transferencial necessária para a continuação desse tratamento? O próprio sujeito mostrará o

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊM!CA
Revista Eletrônica

caminho a seguir. Em dado momento, acalmada a dita 'crise', Paulo relata que todas as psicólogas anteriores haviam desistido dele. Imediatamente, pode ouvir que não havia motivo algum para se pensar que algo semelhante aconteceria ali. A partir disso, algum laço com o Outro da transferência pode ser construído, Outro que não sabe 'tudo' sobre ele.

Atualmente, Paulo consegue suportar a ideia de que algo pode não dar certo. Aceita se arriscar porque consegue tolerar a possibilidade de falhar, o que antes era impossível para ele. Errar significava uma ameaça de ser invadido por um Outro que detinha o saber sobre ele. Isso o levava a um isolamento cada vez maior. Hoje Paulo, conseguindo falar das suas habilidades e do que sabe, parece estar construindo um modo de relação com um Outro menos ameaçador.

**Considerações finais**

Neste texto, norteado por uma interrogação sobre a transferência e o tratamento possível da psicose, chega-se ao momento de avançar algumas conclusões, mesmo que provisórias. Uma delas, seria: se, no tratamento do psicótico, ao analista não cabe alojar-se no lugar de 'amado', em função do risco da erotomania, os dados clínicos indicam que o consentimento em se deixar guiar pelo sujeito que fala é a via para a instauração de um laço com o Outro da transferência. Sobre esse ponto, Dessal (2009) ressalta: "Esses casos apresentam, ademais, um fio condutor que os atravessa e lhes confere um valor de unidade: em todos eles, de uma maneira clara e manifesta, foi o próprio paciente quem determinou a orientação e direção do tratamento" (p. 62)

Paulo sempre fora invadido por um saber vindo do Outro e, para se proteger, colocava-se no lugar de um fracassado, incompetente. Não se autorizava em saber e não conseguia se apropriar do saber, internalizá-lo, torná-lo operacional, servir-se dele. O saber é sempre do Outro, está certo que o Outro sabe sobre ele. Desse modo, o trabalho desenvolvido tomou a forma de uma conversação, nome dado por J-A. Miller para os

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊM!CA
Revista Eletrônica

encontros com pacientes psicóticos, nos quais o paciente se serve do analista como ferramenta para fazer uma limitação ao gozo que o invade (MILLER, 2009, p. 293). Para tanto, os analistas devem ser objetos suficientemente flexíveis e tolerantes para que o psicótico possa fazer deles usos que não estão inseridos na norma nem são completamente previsíveis (idem).

A conversação com um psicótico, apesar de não se configurar como uma psicanálise estrito senso, refere-se a uma adaptação do dispositivo e respeita princípios fundamentais, como a regra da abstenção e as da ética. Sobre a especificidade desse trabalho, De Georges (2008) sublinha que se o sujeito psicótico vem ao encontro do analista é com a finalidade de servir-se dele, esperando que o mesmo contribua na limitação da angústia que o invade e na construção de uma nova realidade, indispensável para ele. Em suas palavras: "O enigma que ele encontrou (ou que encontra) justifica um trabalho significante cuja função será limitar o buraco aberto, o rasgo do tecido simbólico[1]" (p. 22).

A manobra da transferência, no caso de Paulo, tanto quanto no de Felipe, foi o de esvaziar a certeza de que o Outro sabe, esvaziar esse Outro consistente que dele goza como objeto. Feito isso, e é uma tarefa constante, que não pode ser esquecida, é preciso manter o que se conseguiu, pois nesse caso, o sujeito sutilmente ou não, insistirá em fazer surgir o Outro ameaçador. Ao mesmo tempo, o analista emprestará sentido ao que não tem sentido, fazendo semblante de uma construção de saber (do lado do sujeito), quando isso é possível.

**Referências Bibliográficas**

CASTANET, H; DE GEORGES. Enganches, desenganches e reenganches. In: MILLER, J-A (Org) *La psicosis ordinaria*. La convención de Antibes. Buenos Aires: Paidós. p. 17-43, 2009.

[1] Tradução nossa.

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊM!CA
Revista Eletrônica

DE GEORGES, P. Principes pour une conversation. In: LANIEZ, G. (Org.). *À partir de quando est-on fou?* La Rochelle: Ed. Himéros. p. 21-30, 2008.

DESSAL, G. Sobre a aplicação do método psicanalítico no tratamento das psicoses. In: BESSET, V., CARNEIRO, H. F (Orgs). *A soberania da clínica na psicopatologia do cotidiano*, Rio de Janeiro: Garamond, p.61-100, 2009.

FREUD, S. *Obras Completas de Sigmund Freud*. Buenos Aires: Amorrortu editores, 2008.

_____. Sobre la dinámica de la trenasferencia, vol. XII, p.93 – 105, 1912.

_____. Neurose e Psicose. Vol. XIX, p. 167-171, 1924 [1923].

_____. Pueden los legos ejercer el análisis? Diálogos com un juez imparcial. Vol. XX, p.165-244, 1926.

HENRY, F. Lalengua de la transferencia en las psicosis. In: MILLER, J-A (Org) *La psicosis ordinaria*. La convención de Antibes. Buenos Aires: Paidós. P.131-158, 2009.

LACAN, J. *O seminário, livro 3.* As psicoses. Rio de Janeiro: Zahar, 1955-1956 [1992].

_____. *O Seminário, livro 11*. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar , 1964 [1985].

MILLER, J-A. (Org) *La psicosis ordinaria.* La convención de Antibes. Buenos Aires: Paidós, 2009.

**Recebido em 06/04/2011**

**Aceito em 06/05/2011**